

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: IDENTIDADE, CULTURA E ANCESTRALIDADE NO LIVRO ZUMBI ASSOMBRA QUEM? DE ALLAN DA ROSA*

Karla Cristina Eiterer ROCHA[√]
Enilce do Carmo Albergaria ROCHA^{√√}

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo apresentar uma leitura do livro **Zumbi Assombra Quem? De Allan da Rosa**, o escritor trabalha com a literatura periférica. É militante de um movimento intelectual que luta contra o apagamento da presença dos afrodescendentes, na nossa sociedade e visa à revisão dos papéis desempenhados por eles, de acordo com o discurso hegemônico. Portanto, faz uso do resgate histórico, pesquisando o tema: ancestralidade e o agregando nas suas produções escritas, afim de que possam ser apresentadas novas possibilidades de (re) leitura e interpretação da História e da cultura deste povo, apresentando a várias contribuições que tiveram e ainda tem dentro do Brasil. O livro retrata uma família afro-brasileira que ajuda o menino Candê a conhecer sua história, seu passado e seus ancestrais, a se construir como sujeito e como lidar com as pessoas no seu cotidiano escolar. A família narra acontecimentos que envolvem Zumbi e o Quilombo dos Palmares.

Palavras-chave: Zumbi. Quilombo. Negro. Literatura. Afrodescendente. História.

1. INTRODUÇÃO

A literatura como toda Arte deve ser interpretada e analisada para que se compreenda a mensagem que uma obra quer transmitir. Sendo uma Arte que se apoia nas palavras, as escolhas dos elementos a fim de compor um texto são

* Artigo recebido em 17/03/2020 e aprovado em 21/05/2020.

[√] Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

^{√√} Doutora em Letras - Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) Professora associada IV na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

determinantes para transmitir a mensagem do escritor. O encontro com as dores de personagens, as dificuldades que precisam superar para alcançar seus objetivos, suas dúvidas, erros, acertos e conquistas aproximam personagens, escritores e leitores. Essa é a grande sacada da literatura: transformar e formar as pessoas que se arriscam por seus caminhos.

Dentre as categorias das manifestações textuais, temos a literatura marginal ou periférica que luta contra o não reconhecimento de sua Arte. O instrumento ideológico apresentado é a ressignificação das identidades individuais e coletivas. Como é construída a partir de uma linguagem simples e informal, costuma ser avaliada por alguns críticos de forma pejorativa.

Como observa Sellgmann (2005), sabemos que o escritor como um produtor, é um ser histórico, ele escreve sobre a realidade da qual faz parte, ou seja, o episódio histórico que vive: os traumas, as fraturas, os silêncios, as reticências e os fragmentos.

Diante do esquecimento do passado histórico, dessa experiência traumática para as vítimas do colonialismo, desse fato violento que foi a escravidão, nasceu um espírito de resistência que luta contra o pagamento das memórias e das subjetividades de pessoas que foram escravizadas. Por isso, precisamos trazer para os ambientes acadêmicos textos que produzam reflexões como esta entre a História, a literatura, como nos alerta Bernd (1988), cumpre reivindicar o espaço ainda não conquistado, para autores que a estão à margem na sociedade.

O autor Allan da Rosa problematiza fontes oficiais já exploradas e mostra como as fontes escritas, quando são revisitadas com olhares que perpassem o limite do texto escrito, ganham amplitude de tratamento e de interpretação. De acordo com Chartier (1988), é feito um recorte de determinados acontecimentos do real, e depois a partir de uma forma literária esses recortes são expostos utilizando um caráter literário e artístico, social e político.

Allan da Rosa que é escritor integrado ao movimento periférico da cidade de São Paulo, sua pesquisa é sobre ancestralidade, imaginário e cotidiano negro e organiza cursos em varias quebradas paulistas sobre estética e política afro-brasileira.

O livro **Zumbi assombra quem?** Retrata uma família afro-brasileira que ajuda o menino Candê a conhecer sua história, seu passado e seus ancestrais, a se construir como sujeito e como lidar com as pessoas no seu cotidiano escolar. A família narra acontecimentos que envolvem Zumbi e o Quilombo dos Palmares, como nos explica Seligmann (2003), pouco a pouco, por meio de detalhes, revela-se muitas experiências vividas pelos negros. E através de uma releitura é possível fazer uma reescrita da História salvando-a do esquecimento.

As questões como a negritude são trabalhadas no decorrer do enredo, pois os conflitos que o garoto vive diariamente são discutidas e resignificadas através do auxílio familiar. Como destaca Bosi (2002) tem por finalidade preservar as crenças e os valores de um grupo.

No decorrer da narrativa a avó dona Cota Irene, sua mãe e o tio Pabrin trazem para o conhecimento de Candê, o seu passado apontando para uma conscientização da sua negritude, do porquê de se orgulhar da sua raça, da sua cor, do seu cabelo e da riqueza cultural da sua família, pois de acordo com Kabengele Munanga (2012), todos que são herdeiros dos povos africanos os quais foram submetidos à escravidão devem se engajar na luta, para defender os direitos dos negros como cidadãos. Só assim, esses conceitos já estabelecidos pela cultura dominante, serão destruídos. O fragmento a seguir é um exemplo do tio Pabrin ensinando sobre a cultura:

Um fio de fumaça fez seus volteios e se disfarçou de bigode na face do tio. Pabrin ensinou que no centro do quilombo sempre se punha a lenha pro fogo não se acabar, com a fumaça escrevendo os seus cheiros no ar. E também nas casas a brasa era a flor que cultivavam. Apenas quando se trocava de rei apagavam a fogueira, mas pra já iniciar outra. (ROSA, 2017, p.19).

Existe sempre uma coesão entre o passado e o presente que interliga Candê aos seus antepassados mostrando a importância de seus ancestrais. Nessa luta diária da família, para que o garoto possa conquistar um espaço entre os amigos e ser reconhecido como uma pessoa de valor, o menino cresce.

O tecido textual é riquíssimo, pois agrega conhecimento, permite debates, sugere mudanças que podem ser feitas, para uma melhor interação entre as pessoas, afirmando a riqueza de se trabalhar a diversidade. Os relatos do tio Pabrin perpassam pela História mostrando a importância da ancestralidade. Como elenca

Seligmann (2003), pela lembrança do extermínio de muitos, pelos traumas e pelas dores, mas também é movido por fé, esperança de liberdade e amor.

Nesse processo de ressignificação e reconstrução da história afro-brasileira, a narrativa também apresenta em suas tramas uma questão recorrente sobre o significado do nome Zumbi e o porquê das analogias pejorativas atribuídas a ele. Como exemplifica o trecho:

(...) o que é Zumbi mesmo então, sô? Dizem até que vem dos infernos debaixo da terra.
 - Chamam esses de Zumbi porque decretaram que a língua, o cabelo e a respiração negra era assim, corpo de maldade. E maldade seria domínio pra baixo da terra (...)
 - Por que tanto chamam Zumbi de demônio, então, tio?
 - Por que ele era a dor de cabeça dos que tinham chicote na ponta da cruz da caneta, sabem que dizem que ele aprendeu a ler com um padre, pra balançar a palavra deitada no papel e inflar a letra com estratégias? (...) dizem que ele lia sonhos também... lia os passos, lia o que arfava subindo e descendo no peito das pessoas e o que vibrava na garganta. (ROSA, 2017, p.34-35)

Quando relemos a história do período escravocrata percebemos que há muitas passagens marcadas, pela violência e pela dor. Como aponta Fanon, (2005) para o colonizador o colonizado é a encarnação do mal, essa é uma das inúmeras justificativas para tanta violência no período colonial. Muitas cenas de opressão, crueldade e a humilhação eram impostas aos negros que viveram esse período.

Candê enquanto ouve as histórias dos mais velhos é convidado a projetar o seu futuro num engajamento de luta contra a exclusão, não só a do negro, mas também das demais minorias. E questões simbólicas são trazidas para reafirmar a importância de se conhecer as diversas culturas que foram apagadas no decorrer da História.

A narrativa mostra que a resistência foi e ainda é a arma utilizada pelo povo afro-brasileiro. Contar a própria história é se posicionar diante da sociedade, é conquistar o seu lugar de fala, seu território e mantê-lo, a fim de que não só o passado seja recontado em outras versões, mas que os negros sejam reconhecidos por seus protagonismos.

A escola reproduz o pensamento social preconceituoso e afirma que o que acreditam seja verdadeiro. Candê quando contrastava o que aprendia na escola com o que era ensinado pela família, foi desconstruindo fatos e ressignificando o que era

negativo como positivo para sua identidade. O garoto sempre passava por situações difíceis na escola, como por exemplo:

- Você não! – os pequeninos Germano e Nívea com a língua arranharam sem dó- sai daqui, Candê sujo, cabelo de Zumbi! O motivo do esculacho era crespo e tinha cheiro de mel e de babosa do quintal. (...) Sua natureza era de crescimento para cima, no rumo das estrelas e da lua. (ROSA, 2017, p.12-13)

Percebemos que os conflitos que acontecem ao longo da história são estratégias do autor para trazer à tona a cultura, a religião, os costumes e a ancestralidade africana. Notamos que o garoto é confrontado pelos colegas em relação aos seus costumes: como a sua maneira de usar o cabelo. Em razão de não compreenderem certas diferenças, o excluem das brincadeiras. Concluímos também que debates sobre o Racismo e Bullying são suscitados no decorrer da história a fim de provocar reflexões nos leitores. Como observa Glissant (2014) as pessoas devem mudar, permutar, estar em harmonia com as diferentes etnias, pois são híbridas: nascem na mistura e vivem na mistura. A mudança é algo permanente.

2. RESUMO DO LIVRO POR CAPÍTULOS

2.1. CAPÍTULO 1: OS PÉS, OS PULSOS.

É uma narrativa que utiliza uma linguagem mais próxima a informalidade. A história é desencadeada pelo ato do menino Candê ver dona Janice com uma enxada capinando o quintal. Essa imagem o fez pensar em um morto-vivo e quando chega a sua casa vai até o seu tio Pabrin, para fazer uma pergunta que já vinha acompanhada de uma resposta. O menino pergunta se ele sabia qual era o nome do morto-vivo e em seguida ele mesmo já responde que era Zumbi. O tio que estava no ofício de costurar suas meias velhas responde que o Zumbi que o Zumbi que ele conhecia tinha sido um rei: o líder de Palmares.

Ele começa a fazer o menino pensar sobre pés que sobem e descem e traça através da narrativa o caminho que ia para o quilombo e seus mocambos. Fala de Acotirene fazendo uma analogia com o nome da avó do garoto dona Cota Irene. Ela menciona que havia vários mocambos e que o quilombo era entocado nas serras, esconderijos que por muitas vezes trocavam de lugar. Essa imagem fazia Candê

lembrar-se do acampamento que outrora fora com seu tio: lembrava-se das montanhas e de escorregar até entre a montanha e a praia.

E Zumbi voltava para a narrativa do tio Pabrin que explicava a posição do rei na linha de frente de Palmares, pois viviam numa constante tensão devido às invasões dos bandeirantes que durou um século. E nesse momento o garoto se lembra da avó que era uma grande negociante e multitarefas, cozinhava, via televisão, jogava dama e vendia perfumes por ser uma grande conhecedora das essências, dos poderes que tinham e do que poderiam atrair. Ele sentia saudades da avó enquanto ouvia o tio.

E Candê ainda insistia que Zumbi era uma assombração com o tio Pabrin, dizia que era uma figura medonha. E o tio rebatia que desconhecia esse tipo descrito pelo menino. E o menino desacreditado pediu ao tio que lhe falasse então sobre o corpo de Zumbi, para que o descrevesse e ele pudesse fazer comparações e o tio responde que a história terá continuação no dia seguinte.

2.2. CAPÍTULO 2: O TETO DO TEMPLO

O tio Pabrin chega do serviço, solta suas tranças, um cheiro de plantas vem com o vento que o trouxe. E com o frio propõe para Candê um campeonato de bafo branco que é uma brincadeira que faziam no inverno e sua irmã a Samanta é a juíza. A filha de dona Cota que tinha os cabelos de lua cheia no qual Candê via até estrela neles. Ela usava lindas mantas, faixas e turbantes, costumes de avós e bisavós.

E o garoto aprendeu a usar um garfo de madeira no cabelo, uma espécie de tridente que massageava o seu cucuruto. A família tomava uma sopa quentinha de abóbora com coentro, enquanto saboreavam a deliciosa sopa, as lembranças viam povoar a conversa como: receitas antigas, a manta que passava de mão em mão e até o cafezinho.

A sopa familiar lembrava coisas que Candê não podia viver na escola práticas orais semelhantes à vivida pela família, como as rodas. Ele não podia participar, por que a liderança da roda não permitia, eram absolutamente cruéis e a frase “você não!” era sempre proferida, além de vir acompanhada de adjetivos pejorativos como o termo: sujo, por exemplo.

Seu cabelo que cresciam para cima, em rumo às estrelas, também era motivo de gozação. Eles o chamavam de cabelo de Zumbi e riam. Havia outros garotos de cabelos grandes, mas por serem madeixas lisas, cresciam para baixo e não chamavam a atenção dos colegas como os de Candê. Ele era sempre humilhado e tinha que engolir a sua humilhação.

2.3. CAPÍTULO 3: O BARBANTE

Tio Pabrin conta a Candê que quando era criança tinha um barbante pendurado debaixo do seu sovaco onde guardava as coisas legais que ele encontrava na rua e que já não se lembrava de mais, se o barbante vinha de dentro dele, ou se ele mesmo havia colocado o barbante ali. E mostra pra Candê que o dele ficava em seus próprios cílios. Surpreso o menino tentava localizar o seu barbante, mas não conseguia.

O tio que lhe conhecia bem sabia que os segredos do garoto estavam ali na sacola das pálpebras e também nas orelhas com seus labirintos. E dá-lhe a ideia de usar os seus cílios como um varal pendurando em cada um deles uma ideia. O menino questiona se as ideias seriam uma roupa para o pensamento e o tio confirma que sim e que as ideias podiam vestir um gesto e até uma vontade. E ainda o ensina a respirar bem forte para sentir o cheiro das ideias.

O menino preocupa-se de se esforçar muito, chorar e encharcar todas as ideias, porém o tio lhe afirma que isso não é problema, pois com a chegada do sol elas ficariam secas novamente. E assim o grande Zumbi poderia vir dançar e bailar na linha do varal de Candê.

Assim se despediu do tio e foi zanzar pelo bairro pensando em Zumbi e que se ele fosse um morto-vivo deveria ser bem fedorento, todo despedaçado e que viria capengando para dançar em seus olhos. Então imaginou que seus olhos ficariam cheios de gosmas e poeira o que poderia atrapalhar a sua visão. Enquanto tinha esse pensamento fazia uma careta e seguia seu caminho atento aos varais do caminho que passava. E percebia que em todos havia vento e panos coloridos.

2.4. CAPÍTULO 4: O QUE INCENDEIA E ACARICIA

Um grupo de pesquisadores foi visitar a escola de Candê. Todos estavam à espera deles e os chamavam de pesquisadores arteiros. Eles eram músicos também tocavam congas atabaques e cuícas e faziam quadrinhas para as crianças misturando os tambores aos versos e às vezes algumas adivinhas. Porém, nem todos ficaram felizes com a presença deles.

Um menino chamado Alvinho se rebelou atirando cacos de vidro e gritando muitas coisas ofensivas. Assim, a roda teve que ser desfeita. O garoto não se contentou com o que havia feito e posteriormente foi reclamar com seus pais sobre o episódio que celebrava uma assombração feito Zumbi, uma coisa do mau. Candê tinha sua opinião sobre o Alvinho e ao recordar do cheiro ruim do seu bafo também o categorizava como coisa do mau.

Quando Candê chega a sua casa, encontra o tio Pabrin nas suas costuras como sempre e sente um cheiro maravilhoso de incenso no quarto. O tio disse a ele que acendera aquele incenso em homenagem ao dia e aos mais antigos, era um perfume de alecrim. E a fumaça que vinha junto do aroma de alecrim foi o motivador, para que Pabrin se lembrasse da fogueira que ficava sempre acesa no centro do quilombo e a lenha sempre era repostada para o fogo não apagar.

Esta fumaça que saía da fogueira escrevia seus cheiros no ar. Ele prosseguia com a história para o menino dizendo que só se apagava a fogueira quando se trocava de rei. E em seguida outra já era acesa quando o novo Ganga (rei) assumia o trono. Na coroação havia música e poesia, flores e sementes e cinzas da fogueira anterior.

Candê aproveita para perguntar para o tio sobre os tambores, se poderiam era coisas ruins. E o tio responde a pergunta já dizendo que o tambor vem de muito longe e, é um grande mestre que pertence ao reino animal, vegetal e mineral. Aprofunda sua fala dizendo que um tambor é um doutor por participar de rodas e cortejos, por adoçar o veneno da cobra, atizar revides, namorar o tempo e reger as borboletas do amor.

Ele está entre a festa e a ciência, entre as paliçadas, o domínio das rasteiras e incendeio de carícias. E finaliza essa sua fala sobre o tambor, citando grandes

nomes de protagonistas da nossa História, para o sobrinho tais como: Chico Rei, João Cândido, Tereza de Quariterê e Lélia Gonzalez.

2.5. CAPÍTULO 5: FUNDAMENTOS ARDIDOS

Pabrin chama Candê para se sentar em volta de uma luminária construída por ele e começa a contar-lhe como eram as coisas no passado. Rodeado de objetos antigos, coloca um disco de calimba- instrumento musical da categoria dos idiofones dedilhados, feitos de materiais como madeira de rafia e bambu e outras matérias vegetais. Na África tem um significado deífico, considerada um presente divino para acessar a sabedoria dos ancestrais.

O tio seguiu com a história, só que passou a falar também sobre Zumbi e o fato dele não hesitar em lutar pela liberdade de todos, lutou muito, por isso a confiança cresceu entre seu povo e foi assim surgiu o quilombo, porém um de seus irmãos o traiu. Certo dia resolveu confiar nos bandeirantes e entregou a localização de Zumbi, para os seus inimigos por uma promessa que eles nunca cumpriram.

E o tio explica que os bandeirantes eram pagos para destruir as aldeias, o quilombo e principalmente Zumbi. Enfatizava para o sobrinho que esses homens tinham sede por riqueza. Mas Zumbi olhava sempre para o passado que e para o futuro, revendo tudo que já tinham conquistado e o que ainda iriam conquistar, ele sabia que plantava para o futuro e que seus ancestrais o guiavam, sempre presentes como uma vela acesa.

Com isso Candê percebia a importância dos ancestrais, ele pensava numa família muito antiga e muito grande. E o tio dizia da apreciação de Zumbi por festas, pelos toques, instrumentos que pareciam trovões, muita comida e pinturas corporais. Todas essas histórias faziam o menino recordar de alguma coisa que vivera, como as festas em família e as muitas brincadeiras que faziam, dos sorrisos dos primos, do pessoal chegando. E das despedidas e dos abraços.

O tio terminou sua essa parte da história reafirmando o quanto Zumbi sabia sobre a preciosidade de lutarmos e que esse era o nosso destino, cada um na glória de seu tempo. Lutar com o corpo e o coração e que a nossa missão era nos defendermos e nos frutificarmos.

E em meio às lembranças e compreensões do sobrinho o tio finaliza dizendo que Zumbi podia sentir que o quilombo iria renascer mesmo após tantas perseguições e lutas. Ele estava em paz, pois sabia que cada gesto de justiça, cada luta, cada batalha conquistada no Quilombo de Palmares, renasceria muitas vezes mais.

E embebido pelo sono o menino pergunta como seria esse renascer, o tio aproveita o momento e diz a que era como dormir e depois acordar. Então que ele fosse dormir para renascer no amanhã. O tio Pabrin acendeu as velas nos castiçais, cobriu o garoto com um lençol, beijou-lhe. Recitou agradecimentos e voz alta até que Candê dormiu.

2.6. CAPÍTULO 6: UMA DESPEDIDA PORRETA

Candê sonha com a avó e o sonho o levou para o passado de quando ainda era bebê. E ele deseja que a avó ficasse mais. No sonho ele e a avó voam para o céu e chegam ao espaço sideral. A avó passando maizena no seu corpo, para não deixar que ele ficasse assado. E deitadinho no berço via os olhos cintilantes da avó. Depois a imagem já era dela deitada na lua e caindo na terra. Jogavam bola, pulavam de um lado pro outro, voavam e cantavam. A avó se despede dele com um beijo na testa. Ela o estimava muito, certa vez disse a ele que ele nasceu para trazer equilíbrio a casa.

Seu enterro foi numa praia envolvida por tecidos lindos. Fizeram uma festa celebrando a despedida, poemas foram versados pra ela, ladainhas, contação de casos, arrasta-pé, bate-coxa, muita comida entre doces e salgadinhos envolvidos com os panos de prato que ela rendou. Foi uma despedida de gala para a mais nova ancestral. E depois do sonho ele acorda renascido.

2.7. CAPÍTULO 7: A TERRA E SUAS QUENTURAS

Candê dá um susto no tio que estava aguçando as plantas e diz a ele que Germano chama Zumbi de fedido, nojento e de morto-vivo. E o tio começa uma reflexão junto com ele, para juntos chegarem à conclusão se isso seria possível. Então começa contando ao sobrinho que há quem diga que Zumbi escolheu seu

nome para causar medo mesmo, outros que significa aquele que dorme e ainda outros, que seria aquele que conhece a fenda do chão que era íntimo das sombras e do arco-íris e que envergava à noite com os mortos.

Após ouvir o tio o garoto conta que viu com caveiras saindo do cemitério, uns farrapos e pedaços de carne podre despencando entre os ossos, até o olho deles caíam e as pessoas os chamavam de Zumbis. E o tio achou melhor então contar-lhe que as pessoas que dirigem esses filmes e assinam os dicionários acreditavam que os que vinham da África eram demônios e que vinham do inferno debaixo da terra. E além do mais ele foi motivo de muita dor de cabeça, para aqueles que tinham o chicote. Ele sabia ler e escrever e dizem que foi um padre que o ensinou e mais, que dominava estratégias, para ler as palavras vivas quando estavam disfarçadas de morta, lia sonhos e passos e o que as pessoas guardavam no peito e na garganta. Que sua leitura se assemelhava a dos pássaros que liam suas linhas no céu.

Esse poder encantador da leitura que Zumbi tinha esse dom tão incomum e amedrontava os outros que acabavam o associando às coisas do mau. E essa história fez Candê lembra-se de que um vizinho tinha dito a mesma coisa sobre ele uma vez, e que era para o seu próprio bem, mas ele não entendeu nada daquilo.

Pabrin ensinou ao sobrinho que para quem vem da Angola e do Congo, gente de Palmares, Zâmbi é o grande criador presente em cada grão. Ele é o rei do chão, das raízes reina no céu azul. E de repente o menino fez a pergunta: então o Zumbi assombra quem? E o tio respondeu que ele não assombrava ninguém e que não era feio ou malvado, mas que as pessoas que o temiam eram as más.

E que a realiza de zumbi era grande, pois seus malungos eram saciados com o que precisavam. Mas sim havia alguns que se sentiam ameaçados e assombrados por eles: aqueles que separavam as famílias dos negros e os escravizavam, como os donos de fazenda e feitores, esses de fato eram azucrinados pela ideia de Zumbi existir. E Zumbi era vivo, muito vivo e voltava sim aos casarões para buscar seus malungos, quebrava suas correntes e os conduzia pela mata.

2.8. CAPÍTULO 8: A MENTIRA

Tio Pabrin vai até a escola de Candê, para saber sobre as coisas que aconteciam lá com o garoto, mas depois da visita as coisas só pioraram. Ele não

chegou lá fazendo palestra sobre os fundamentos da história do negro. E nem bravo. Ele chegou tinindo, foi buscar uma resposta sobre o que acontecia com Candê, mas só desconversaram e diziam ainda que ele poderia ter inventado coisas na sua cabeça e entre cafezinhos e desconversas nada foi feito.

Diziam os responsáveis que poderia haver isso em qualquer lugar menos ali. E quando o tio foi embora já não eram mais só alunos, mas professores e inspetores debochavam dele mais e mais.

No caminho, Pabrin encontrou uma escola com jardins, biblioteca ensolarada, aulas com a física das pipas e a geometria das rodas. Tudo perfeito! Porém, a situação financeira da família não permitiria que o garoto estudasse lá.

2.9. CAPÍTULO 9: BATATA DOCE E BOMBOM COM LARVAS

Candê queria odiar, mas não sabia fazer isso. Fugiu de madrugada para o fundo do quintal, queria queimar as cartilhas da escola na fogueira que fez, tinha raiva! Tentou xingar e nada. Então resolveu colocar batatas doces. E refletia sobre a sua ingenuidade em acreditar naqueles papos de Zumbi ser uma assombração.

Seu coração mancava. Aspirou e espirou o medo e a raiva e com isso ia limpando de seu pensamento as coisas que não valiam a pena. Engolia a sua solidão e desfrutou das batatas, sozinho, mas sabia que se estivesse no quilombo partilharia feliz.

2.10. CAPÍTULO 10: MANTA JÁ NÃO COBRE A CABEÇA

O menino Candê estava elétrico e por isso não conseguia dormir. E a mãe brinca com ele entre cosquinhas e o jogo de falar os nomes e sobrenomes inteiros dos familiares. E findando as brincadeiras ele pede a mãe para contar a história Quilombo, ela concorda, mas propõe uma adivinha que deveria ser respondida no final da contação da história.

A mãe começa a falar sobre a fuga de muitas pessoas dos casarões, para os quilombos. E dizia que lá havia uma pessoa que sabia o sonho de todos. Ela lia sonhos através expressões corporais. E a mãe pergunta se ele sabe quem é? E ele

responde que sabia e que era uma resposta fácil, pois o tio Pabrin tinha lhe contando muitas coisas sobre o Quilombo.

E então responde que era Zumbi, mas ela o adverte e diz que errou e que a resposta certa seria: Dona Cota Irene, minha mãe, sua avó. E esse quilombo não Palmares, localizava-se em Minas o lugar de onde ela veio.

2.11. CAPÍTULO 11: O DUETO NO BAR

Candê pergunta a mãe sobre a escolha de seu nome e que se não tivesse escolhido Candê qual seria. Ela responde que gostava muito desse nome por isso o escolheu, mas que ele poderia escolher outro nome, numa outra hora e lugar, a fim de ser orientado de novo, para a vida.

E pensando nas escolhas dos nomes ele faz outra pergunta para mãe, só que essa era sobre o nome de Zumbi. Ele queria saber se a mãe achava que Zumbi havia escolhido o seu nome para ser visto como um cara tinoso ou um cara que não dormia. Ela então respondeu que não era por nenhuma das duas razões e que o nome dele foi escolhido, para não deixar dormir aqueles que queriam fazer coisas más.

Então o garoto começou a dizer a mãe as coisas que o tio havia lhe ensinado sobre Zumbi como o fato de ele ser sobrinho de Ganga Zumba e que tinha sido o rei de Palmares aquele que lutava contra os homens que só queriam saber de ganhar uma recompensa financeira, após destruir o Quilombo. O tio de Zumbi havia feito um acordo para que esses homens parassem de atacar Palmares, mas Zumbi e os outros palmaristas tinham percebido que esse acordo não era para o bem de todos.

E por isso não concordaram com ele. Tiveram suas desavenças e uma briga muito forte, e após eliminar o tio, Zumbi decretou liberdade para todos. Ele disse que ninguém poderia ser escravizado, morrer ou nascer escravo. Depois de ouvir o menino a mãe notou o quanto ele que havia aprendido.

E quando terminaram essa conversa chegaram num estabelecimento aonde muitas pessoas iam para jogar, fococar, oferecer trabalho, oferecer ouvido, lambiscar comida. Ele e a mãe foram buscar uma marmitta com legumes. Candê notou que ali havia pessoas com diferentes tonalidades de pele.

Entre os que entraram no estabelecimento havia um senhor que pediu licença para preparar o seu mate, era um ancião e se chamava Oliveira Silveira, era um velho poeta que viajou por todo país fazendo uma proposta que o dia vinte de novembro, o dia que Zumbi morreu deixasse de ser motivo de choro e que todos nós participássemos de um coro sorrindo e saudando esse grande ancestral.

2.12. CAPÍTULO 12: LIMONADA QUENTE.

O menino Candê queria pedir outra história sobre quilombos para o tio Pabrin. Mas acabou tomando um cascudo e uma chinelada da mãe sem saber o porquê. Não podia se pronunciar, pois ela não permitia. Mas praticar tal ação inflamou a mente da mãe que se culpava por ter batido numa joia feito aquele garoto. Ele dormiu, mas não esqueceu o que aconteceu quando acordou, no decorrer do dia a tristeza passou e ele já estava contando para a mãe suas novas descobertas.

2.13. CAPÍTULO 13: O CABAJUARA

No bairro Cabajuara muitos sotaques quilombolas eram ouvidos e as pessoas teriam vindo de lugares diversos: de Quilombos de Oriximiná, de Barreirinha, do Marabaixo. Gente do Sul, gentes dos mares nordestinos do Quilombo do Pau D'Arco e de Rio dos macacos, do Calderãozinho e de Conceição das Crioulas.

A avó dona Cota Irene contava para Candê sobre as transformações que fizera na casa. E sobre suas plantações, mas o xodó das plantações era uma mangueira que de piquitita chegou frondosa, pois nos seus galhos via a miragem de Minas Gerais.

Entre as conversas sobre Minas Gerais surgiu a do traidor: um quilombola cagueta que ajudou numa emboscada para matar o avô numa laje de cachoeira e em troca da traição ganhou uma biboca com porcos e farinha num canto do latifúndio.

Outra coisa que foi mencionada pela primeira vez, para Candê foi que ele tinha dois tios irmãos do tio Pabrin: Mambí e Messejã. Eles saíram para fazer uma viagem e nunca mais retornaram para casa, sua avó nunca teve notícias deles e rezou por décadas no beiral da sua janela.

2.14. CAPÍTULO 14: COMO ENTREVAR O PESCOÇO

Candê ouve uma conversa do tio Pabrin com sua mãe. O tio dizia que tudo estaria bem se fingissem de surdos e cegos, ou na pior das hipóteses forjar um torcicolo e entrevar o pescoço para um lado só. Era uma conversa de vozes angustiadas entre os sons dos objetos utilizados na cozinha.

Depois ele olhava para a mãe tentando traduzir da sua face uma resposta. De repente ele se recordou de uma vez que recusaram a dar um copo de água para a mãe dele numa lanchonete no centro da cidade. E Candê embaralhado com as lembranças se recordou de outro restaurante onde não o deixaram usar o banheiro e tomar suco no canudinho, ao mesmo tempo em que via um menino branco sendo tratado com muito afeto.

2.15. CAPÍTULO: A QUEBRADA E SUAS UNHAS

Pabrin se recorda de uma história que aconteceu com Candê e seu amigo Andinho. Os garotos gostavam provocar o senhor Pascoal dizendo que o cachorro dele não os pegaria numa corrida. Chamavam-no de lesma. E então o senhor Pascoal resolveu atihar o seu cachorro nos meninos e Titã dava muitos arrancos na sua corrente, em cada salto do cão o chão trepidava o que deixava os meninos com medo.

Esse era então, o momento de correr, voar sem asas e se livrar da baba gosmenta do cachorro. Quando os outros meninos os viam correr também entravam na brincadeira, corriam e davam gargalhadas, pulavam muros, subiam em árvores e em caçambas. Andinho era mesmo companheiro Candê. Era ele quem socorria o amigo na rua, quando os meninos brigavam com ele. E ensinava-lhe coisas fazer contas quando ia à padaria e prender fitilhos nas rabiolas das pipas.

Um dia quando voltava da escola, Andinho foi abordado por um camburão e os policiais queriam saber onde ele tinha arrumado o tênis que estava calçado. Custou trezentos reais e havia sido comprado pela mãe dele, e para isso o menino tinha vendido bolo e frutas a fim de pagar as prestações que a mãe precisara fazer. Certa noite, o garoto foi enquadrado no beco e depois todos comentavam sobre o que lhe

aconteceu, passou até na televisão. Ele foi achado no chão e havia sangue. E não teve festa no seu enterro.

2.16. CAPÍTULO 16: POESIA

Candê viu a sua mãe e Pabrin se beijando de maneira tão carinhosa que depois olhava para ele querendo ler as linhas entre as suas sobrancelhas, pois a mãe saiu toda espoleta e ele rodopiando, canetando, rabiscando letras em um caderno engordurado, papel de saco de pão e no papel de seda das pipas. Andou pelo bairro e escreveu sentado na escada do boteco da rua, na ponte sobre o córrego versos para sua amada. E voltou para varrer a cozinha cantando.

2.17. CAPÍTULO 17: O PEDIDO

Enfim, quando Pabrin e Candê estavam jogando mancala, o jogo de tabuleiro mais antigo que ainda hoje é jogado pelo mundo. Sua existência consta de sete mil anos atrás. O jogo era simbólico e representava as plantações, as colheitas e a necessidade crucial de sementes de trigo. A África sempre foi considerada o seu berço, mas a sua origem perdeu-se na história. Ele resolveu pedir ao menino para não ser mais chamado de tio. O pedido foi feito de forma muito carinhosa e disse que poderia chama-lo da maneira que quisesse: padrasto, pai, amigo ou apenas Pabrin, mas não de tio.

2.18. CAPÍTULO 18: TRONCO APRUMADO

O ex-namorado da mãe de Candê deixou-a grávida e partiu. Ela ficou apática e usou roupas largas por algumas semanas. Certo dia resolveu ir ao quintal onde ficava a mangueira da família e lá ouviu um canto de Palmares cantado pelos sabiás.

As folhas da árvore balançavam de alegria enquanto dona Cota Irene dizia a filha o quanto ela estava bonita e que do ventre dela havia um fruto que adoçaria as suas vidas. E Manta começou a perceber a beleza da mulher na gravidez, o sol cobriu o enevoado do céu e ela resolveu tirar o moletom e vestir um belo vestido. O

pé de manga estava repleto de frutos, assim como os frutos que Candê traria para a família.

E assim Manta floresceu enquanto Candê espichava de leve dentro do bucho materno. A avó jogou seu búzio mais secreto no dia em que o neto nasceu e o costureiro que fez todas as roupas de Manta para a gestação, frequentando a casa todas as manhãs, se mudou para lá. Chegou medindo panos e nove meses depois das visitas diárias levou escova de dente e cuecas para ficar.

2.19. CAPÍTULO 19: ENCONTRO DE BAMBAS

A mãe de Candê foi colocar ele para dormir e ele teve um sonho ancestral. Ele tornou-se professor e ensinava embaixo da mangueira de seu quintal. E Zumbi ia participar fazendo uma palestra. Quando chegou deslizou do céu feito um cometa, no seu cabelo tinha uma estrela esculpida. Zumbi explicou a todos que a estrela era um símbolo bravura e mostrou a foto dela no livro que levou para a palestra.

Zumbi ensinou muitas coisas. Falou sobre o plantio de cerca de espinho, amolação de lâmina de pau na pedra e maceração de folha para disenteria. Também aprenderam a mexer com barro e seiva, a tirar ferro de argila na fornalha.

Candê e Zumbi revezavam para ensinar aos alunos e era tanta troca que eles confundiram os seus corpos que se misturavam: cabeça de um no pescoço do outro, pé de um pra perna de outro, umbigo de cá na barriga dali. Isso trazia a seguinte questão: se seria esse o Zumbi morto-vivo que era temido? E logo era percebido que ele não tinha nada de desconjuntado. E eles se harmonizaram como uma orquestra afinada de língua de um na língua do outro.

Quando Zumbi e Acotirene partiram se despediram e deixaram no aroma das comidas suas palavras sobre as curvas e os caminhos, sobre aceitar e tirar sapatos para entrar em cabanas de inimigos e sobre cumprir os combinados. Ao saírem Zumbi e Acotirene viram o menino Camoanga, ele assoviava seu nome de longe e só Candê conseguia entender, ele usava um manto vermelho e branco e as meias costuradas por Pabrin e nas solas havia mapas.

E quando assoviou mais uma vez disse a Candê para acordar. E enquanto Candê se espreguiçava ele e Camoanga falaram sobre músicas: De Palmares ao tamborim de Roberto Ribeiro, Negro Luz do Ilê Aiyê, Negro Zumbi da Leci Brandão,

A Raiz - Z'áfrica Brasil e o Rap Eu vou para Palmares Dugueto Shabbazz. A conversa dos garotos foi vitamina para a manhã que nasceu: músicas, cantorias e memórias. E Candê aproveitou para pedir a Camoanga uma sugestão sobre como Pabrin deveria ser chamado por ele.

Através destes dezenove capítulos nós podemos mensurar a gama de conhecimentos que herdamos do legado africano, e em cada história contada, para Candê fomos convidados a uma viagem que só ratifica a imortalidade de Zumbi e seus companheiros, por serem verdadeiros heróis que lutaram a favor da liberdade, e contra a desumanização do negro imposta pela sociedade escravocrata.

CONCLUSÃO

Para encerrar as discussões sobre o livro apresentado nesse artigo, gostaríamos de nomear esse autor como sujeito “faminto” termo que pegamos emprestado de um grande conhecedor das Artes: em especial da Literatura e do cinema. E nessa procura dos escritores pelo que irão degustar, gostaríamos de fazer referência ao pensamento de Glauber Rocha com seu texto *A Estética da Fome* o qual descreve o comportamento de um faminto dentro da metafísica, seu posicionamento político que visa o destino dos homens, que pensa nas suas raízes e na elaboração de uma mística para a liberdade.

O texto de Glauber Rocha dialoga com a fome de Allan da Rosa, pois teve como motivador a busca pela libertação nacional dos povos colonizados na África. E como observa Ventura (2000) essa fome tema do manifesto é a natureza bruta que mostra a explosão da violência, convertida e potencializada nas Artes.

Essa é a contramão da história convertida em atitudes revolucionárias e artísticas, essa exposição feita no campo estético através de várias linguagens, através da crítica que está empenhada em combater a presença do colonizador na cultura.

Concluimos que os autores que trabalham com a literatura de periferia, traduzem a realidade e o sentimento criando uma nova linguagem, potente e transformadora. É um momento de questionamento universal contra a dominação cultural. A Literatura Marginal ou periférica, assim como para as demais Artes: todas essas manifestações intelectuais devem ser pensadas dentro da metafísica e devem

ser reveladas a todos os homens: aos grandes líderes, aos poetas e aos homens comuns.

Como podemos observar a obra em análise mostra a importância de uma nova forma de olhar, para esse sujeito negro que está sempre à margem. O autor almeja a construção de uma nova identidade a partir do estudo da cultura de da ancestralidade. Podemos dizer que ele faz muito mais do que reivindicar, ele resiste ao logo dessa história e busca apropriação de um espaço que não privilegie apenas uma parte da sociedade.

**AFRO-BRAZILIAN LITERATURE:
IDENTITY, CULTURE AND ANCESTRALITY IN THE ZUMBI BOOK WHO AMAZES
WHO? FROM ALLAN DA ROSA**

This work aims to present a reading of the book **Zumbi Amazes Who? By Allan da Rosa**, the writer works with peripheral literature. He is a member of an intellectual movement that fights against paying for the presence of people of African descent in our society and aims to review the roles played by them, according to the hegemonic discourse. Therefore, it makes use of the historical rescue, researching the theme: ancestry and aggregating it in its written productions, so that new possibilities of (re) reading and interpretation of the History and culture of this people can be presented, presenting the various contributions they had and still has it in Brazil. The book portrays an Afro-Brazilian family that helps the boy Candê to know his history, his past and his ancestors, to build himself as a subject and how to deal with people in his school routine. The family narrates events involving Zumbi and Palmares's Quilombo.

Keywords: Zumbi. Quilombo. Black. Literature. Afrodescendant. History.

REFERÊNCIAS

ALLAN DA ROSA. In: *Wikipedia*. Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Allan_da_Rosa. Acesso em: 06 fev. 2019.

_____. In **Geledes**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/tag/allan-da-rosa/>
Acesso em: 06 fev. 2019.

_____. In: **Global Editora**. Disponível em:

<https://globaleditora.com.br/autores/biografia/?id=1988>. Acesso em: 06 fev. 2019.

BHABHA, Homi K. **O local as cultura**. *Belo Horizonte*: Editora UFMG, 1988.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CHARTIER, R. **Cultura Escrita, Literatura e História**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

EDSON IKÊ. In: **Geledes**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/edson-ike/>. Acesso em: 06 fev. 2019.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

_____. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce do Carmo Albergaria da Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GLISSANT, Édouard. **O pensamento de tremor**. La cohée du lémentim. Tradução Enilce do Carmo Albergaria da Rocha e Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Gallimard, UFJF, 2014.

_____. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução Enilce do Carmo Albergaria da Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

LINDEN, Sophie Van Der. **Para ler o livro ilustrado**. São Paulo: Cosac Naif, 2011.

MUNANGA, Kabengele (org.) **Negritude usos e sentidos**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Autêntica Editora, 2012 (Coleção Cultura negra e Identidades.)

_____. **História cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL/Bertrand Brasil, 1988.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. 2006, 211f. (Dissertação de Mestrado em Antropologia Social). Universidade de São Paulo- faculdade de Filosofia, letras, e ciências humanas, Programa de Pós- graduação em Antropologia Social, São Paulo, 2006.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200 - 212. Disponível em:

<[http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Cap raro/memoria_e_identidade_social.pdf](http://www.pgedf.ufpr.br/downloads/Artigos%20PS%20Mest%202014/Andre%20Cap%20raro/memoria_e_identidade_social.pdf)>. Acesso em: 27 jan. 2016.

ROSA, Allan da. **Zumbi assombra quem?** Ilustrações de Edson Ikê. São Paulo: Nós, 2017.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (org). **História, Memória Literatura:** o testemunho na era das catástrofes. Campinas: ed. Unicamp, 2003.

_____. **Adorno.** São Paulo: Publifolha, 2003.

_____. **O local da diferença:** ensaios sobre memória. São Paulo: Editora 34, 2005.

VENTURA, Tereza. *A poética polytica de Glauber Rocha.* Rio de Janeiro: Funarte, 2000.